

## ÓRFÃOS DO ELDORADO: Traços do romance moderno em análise

Lourdes Nazaré Sousa Ferreira<sup>1</sup> (UFPA)

**RESUMO:** O estudo busca tecer algumas reflexões, a respeito da escritura moderna e do herói problemático na perspectiva de representação nos entrelaces observados na obra *Órfãos do Eldorado* (2008) de Milton Hatoum, determinantes para a construção da imagem de uma personagem como Arminto Cordovil que a sua maneira, busca incessantemente lidar com situações limites da experiência humana. Nesse artigo, priorizar-se-á um diálogo possível entre algumas vertentes teóricas dos estudos literários, tais como teorias da modernidade e do romance moderno. A escolha desta novela de Milton Hatoum deve-se ao enquadramento do herói em fragmentos construído na modernidade, visto que o subjetivismo do narrador-protagonista é singular, pois este promove uma constante tentativa de reconciliação com o mundo e consigo mesmo, bem como, as semelhanças no que se refere às características do romance moderno na obra. Para tanto, serão examinados os textos de Roger Chartier (1990), bem como, da percepção do romance moderno por Anatol Rosenfeld (1973), Georg Lukacs (1962), Milan Kundera (2002).

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance, Modernidade, Herói, Órfãos do Eldorado

**ABSTRACT:** The study seeks to make a few reflections about modern writing and problematic hero in representing perspective in interweaving observed in Orphans work of Eldorado (2008) Milton Hatoum, instrumental in building the image of a character as Arminto Cordovil that your way, has tirelessly sought to deal with extreme situations of human experience. In this article, we will prioritize-a possible dialogue between some theoretical aspects of literary studies, such as theories of modernity and the modern novel. The choice of this novel of Milton Hatoum due to the framework of the hero in fragments built in modernity, as the subjectivity of the narrator-protagonist is unique because it promotes a constant attempt at reconciliation with the world and himself as well, the similarities in regard to modern novel features of the work. Therefore, the texts of Roger Chartier (1990) will be examined as well as the perception of the modern novel by Anatol Rosenfeld (1973), Georg Lukacs (1962), Milan Kundera (2002).

**KEYWORDS:** Romance, Modernity, Hero, Orphans of Eldorado

### Introdução

Na modernidade a literatura está ligada à demonstração do real, assumindo algumas funções que atuam diretamente no homem. Para Chartier (1990, p. 62-3), todo documento, seja ele literário ou não, é uma representação do real que se apreende, mas sem se desligar de sua realidade textual construída em regras próprias, advindas de um

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras com Habilitação em Português e Literatura (UNAMA), Especialista em Ensino Superior (UNAMA), Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP) e Doutoranda em Estudos Literários (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.

O romance tem a sua origem na epopeia, um gênero oral, enquanto o romance um gênero essencialmente escrito. A epopeia procurava o encontro com a emoção, a apologia dos grandes ideais históricos ou cavaleirescos, sob a forma de aventuras de um ou mais heróis, vinculados a um mundo total, e de certa forma, mítico.

O romance “limita-se” a narração de um mundo mais ou menos particular, fortemente individualizado. Essa transformação, que resultou a depuração dos fatores coletivos, eclodiu de forma extrema no romance moderno, destruindo os conceitos de tempo e espaço havendo modificação na forma de narrar.

Esse gênero não se apresenta delineado; uma vez que todos os elementos da ação, bem como, personagens, espaço, etc., relacionam-se diretamente às inquietações e aspirações da personagem principal. Eles influenciam na linha condutora base do romance: a busca que faz o protagonista.

E a obra de Milton Hatoum, *Órfãos do Eldorado* (2008) pressupõem a existência de um grupo que juntos ao protagonista possuem a certeza do pertencimento; e em sentido oposto uma negatividade absoluta, que lê no corpo ou na linguagem as marcas de uma ruptura intransponível. Um sentido subjetivo, representado a partir do narrador – personagem Arminto Cordovil de uma perda ou de uma separação – à qual cuidado algum pode suprir.

Assim, ao pensar a natureza do romance moderno é possível envolvê-la a reflexão sobre a natureza humana, na medida em que se observa a perspectiva do ser em relação ao mundo em que vive, pois o romance apresenta totalidade em nível abstrato, a partir de conflitos que podem ser vivenciados, bem como, afetos e desafetos sentidos pelo homem.

### **1. Percepções a cerca do romance moderno:**

Dom Quixote de La Mancha, escrito por Miguel de Cervantes, é considerado como o precursor do romance moderno. Na tentativa de parodiar o romance de cavalaria, Cervantes, não só escreveu um dos grandes clássicos da literatura, como contribuiu para a afirmação do gênero, que iria substituir a epopeia, no século XVII, por conta do advento da revolução industrial.

Os primeiros leitores do romance moderno desacostumados com a nova representação literária de situações e personagens comuns, e que pareciam existir

realmente, acreditavam na veracidade das narrativas, possibilitando uma identificação destes com as personagens. Estas descreviam suas experiências e pensamentos diários, seus cenários familiares, causando no leitor ao mesmo tempo medo e admiração. Os moralistas da época condenavam o gênero, pois acreditavam que o mesmo representava uma conduta viciosa, capaz de desestruturar o modelo da época.

Entretanto, alguns letrados refletiam que apenas o romance poderia fazer com que o leitor aceitasse os sacrifícios requeridos pela nova forma rebuscada de leitura. Não descartando que o romance tinha a capacidade de imitação, de conduta da sociedade. Já que os leitores identificavam-se com os personagens das histórias. Isso começara a acontecer porque o romance moderno, contrapondo-se aos moralistas da época originária a esse gênero, apresenta-se como uma ficção que produz emoções e ilusões, conflitos e traumas, sentimentos estes, reveladores do interior humano.

A partir dos experimentos do romance começa-se a se perceber a incorporação de efeitos visuais à descrição, aparentemente mais livres das motivações ocorridas em tempos anteriores. As categorias de espaço e tempo perdem dimensões até então fixas, pois, a ordem cronológica linear é desfeita. Presente, passado e futuro na ação dos personagens fundem-se, pois no romance moderno o tempo irá se espacializar e o espaço será temporalizado, criando-se uma espécie de lógica intersticial da narrativa, que passa a representar um momento intervalar entre o verdadeiro e o fictício, entre o possível e o impossível.

O romance na modernidade apresenta uma economia de informações, pois, o narrador não descreve mais os pormenores de ambientes, não desenvolve a trama de modo a permitir que o leitor compreenda como e porque os personagens se encontram em determinada situação, permitindo um adensamento do enredo.

De qualquer modo, as regras continuam a existir na estrutura narrativa moderna, assim como na sua origem. Pressupondo-se de três métodos: narrativa em primeira e terceira pessoa e a narrativa decorrente de documentos diversos (cartas, diários, etc.). Porém, entre estes, valorizar-se-á mais a narrativa em primeira pessoa, dela resultando a consciência analítica ou a posição crítica sobre os fatos narrados. Muitas vezes partindo do próprio autor-protagonista.

Assim, cabe ao protagonista ou ao “eu” narrador não somente a descrição unilateral dos personagens, como também, o estabelecimento de certa maneira opositória ou concordante para com as ações geradas, de acordo com a sua própria compreensão de mundo. Existirá então, a vida das personagens e a interpretação

independente de quem as “cria” num tempo e num espaço. Por sua vez a cronologia da exposição, necessariamente continuará a apresentar variantes, enredo lateral, episódios multiplicados, cabendo ao diálogo ou ao monólogo a parte indispensável do romance.

Assim, o tempo e o espaço, passam a serem vistos de maneira objetiva e relativa, não existindo mais certezas. A visão de um real do senso comum passa a ser a referência, e é absorvida pela literatura. A expressão total desse momento vem com o romance de consciência, uma vez que não vive mais no tempo, que não é mais cronológico possuindo uma atualidade que engloba o presente, o passado e o futuro interagindo na ação ou na consciência dos personagens, tornando a narrativa sem “fronteiras”.

A partir deste momento os críticos literários passaram a considerar o romance do século XIX de caráter pedagógico e moral. O diálogo então entre as críticas dos especialistas do romance do século XX e do século XIX vai permitir a revelação de uma subjetividade no romance.

Como constituinte formal do gênero romanesco, ela significa que o sujeito normativo e criador se dissocia em duas subjetividades: uma que como interioridade, enfrenta os complexos de forças que lhe são alheias e se esforça por impregnar um mundo alheio com os conteúdos mesmos da sua própria nostalgia, outra que põe a claro o caráter abstrato e, por consequência, limitado dos mundo alheios (LUKÁCS, 1962, p. 83).

Anatol Rosenfeld (1973) identifica no romance um tempo simultâneo, onde grandes espaços e personagens são as principais fontes da técnica. Ali, os indivíduos serão lançados no fluxo de consciência e do mundo, num redemoinho caótico e urbano. O texto então apresentar-se-á em um panorama de complexidade estética e com questões filosóficas discutidas na época em que vivemos.

A partir desta compreensão, Rosenfeld (1973) entende que este fluxo de consciência caminhou para a radicalização do monólogo interior, característica principal do romance moderno. O narrador some e a consciência do personagem se manifesta em sua atualidade. Acabam-se as leis de causa e efeito, começo, meio e fim. O autor observa que esta radicalização foi produzida com base no romance psicológico e realista do Século XIX. Ou seja, perde-se a noção de personalidade total; o ser humano se fragmenta, se individualiza, sendo Beckett o principal vetor deste estilo.

Em Beckett, segundo Rosenfeld (1973) a autoconsciência torna-se tanto o sujeito quanto o objeto do “conhecer”. O meio essencialmente realista é capaz de registrar cada detalhe minuciosamente. E num contínuo desespero, descobrir o que há por trás do que não podemos ou não queremos ver no mundo a nossa volta. “Descobrir o que somente o romance pode descobrir é a única razão de ser do romance. O romance que não descobre uma porção até então desconhecida da existência é imoral. O conhecimento é a única moral do romance” (KUNDERA, 2002, p.11).

Em *Ulisses*, de James Joyce perceberemos essa fragmentação. É uma constante procura de superar uma realidade sensível, uma busca incansável de algo que existe por trás do mundo que percebemos. Franz Kafka em suas narrativas traz bem essa nova forma, seus escritos causam estranheza em cada imagem verbal por mais absurda que seja está, fundamentada num pronunciamento imagético do homem. Sendo o mundo para este autor, objeto de pavor e aliciamento. Sobre essa reflexão, Walter Benjamin assinala:

Nenhuma de suas criaturas tem um lugar fixo, um contorno fixo e próprio, não há nenhuma que não esteja subindo ou descendo, nenhuma que não seja intercambiável com um vizinho ou um inimigo, nenhuma que não tenha consumido o tempo à sua disposição, permanecendo imatura, nenhuma que não esteja profundamente esgotada, e ao mesmo no início de uma longa jornada (BENJAMIN, 1985, p. 143).

Rosenfeld (1973) aponta no romance moderno, um Eu narrador muito próximo do mundo narrado gerando um novo mundo sem “tempo” algum. Este mesmo narrador sabe de tudo buscando justificativas nos mecanismos psíquicos de todos os seres humanos, uma vez que este também é um ser humano.

Uma outra forma encontrada no romance moderno é o uso de um estilo na narrativa que cria um estranhamento (o qual faz parte o mundo contemporâneo), pois, as palavras discorridas podem ser tomadas ao pé da letra e exploradas dentro das forças contraditórias e paradoxais, não existindo consciência interior, apenas o dever. Tudo se realiza em um verdadeiro mundo estranho e indevassável. Um mundo de personagens sem alma, aleatórios, porém arrancados da existência humana.

A leitura aponta muitos aspectos característicos da modernidade, pois é uma desconstrução, o personagem perde o motivo da sua existência, o discurso parece ter sido escrito em fragmentos e o centro da trama é o herói conflitivo e não as demais

histórias variadas que o cercam. Este personagem e seu convívio no mundo é o objeto central da obra, muitas vezes, ele aparece sem nome, como se não fizesse a menor diferença à obra.

A partir dessas descrições pode-se perceber que estudar em nossa contemporaneidade um romance é uma tarefa difícil que requer além do conhecimento de suas estruturas e composições, o entendimento do contexto cultural de uma época, como cita Bakhtin: “a literatura é parte inseparável da cultura” (2003, p.360).

E a obra *Órfãos do Eldorado* (2008) de Milton Hatoum apresenta uma escritura em que a literatura está intimamente ligada à configuração de espaços que se entrelaçam ao subjetivismo ao contexto cultural amazônico. Esse entendimento fará com que o narrador reconstrua na obra, o Mito universal do Eldorado. Mito este que no século XVI, ativou a cobiça de muitos conquistadores e se definia como uma cidade pródiga em riquezas e justiça social, que se encontrava localizada nas terras do Novo Mundo (GONDIM, 1994). E que para os personagens desta novela seria um paraíso perdido submerso nas águas profundas do Rio Amazonas.

Um dos pontos relevantes é o herói atendido pelo nome de Arminto Cordovil, que faz rememorar Lúkacs (1962) ao dizer que no romance contemporâneo o herói não se concebe mais como o lutador de uma sociedade, mas sim, como um ser em constante procura pelo seu próprio “eu”, buscando traçar um caminho individual no conglomerado de significações do meio em que está inserido. Não é mais guiado por um destino comunitário, ao contrário, ele traça o seu próprio destino.

O herói do romance moderno foge a totalidade do meio, é um ser inacabado, vive em constante processo de construção subjetiva com o intuito de atingir uma totalidade individual. Sua consciência é revestida de pessimismo, vive buscando a auto superação, no trivial de sua vida. Isso afeta sua relação com os outros, com o mundo e consigo mesmo. O mundo para ele é caótico, e esta forma de percepção o torna isolado, um ser individual.

Por isso o narrador-personagem de *Órfãos do Eldorado* diante as ameaças dos conflitos vividos promete uma fusão. O respeito perante as potências míticas representam a inevitabilidade do destino, pois a satisfação dos desejos individuais é sistematicamente frustrada em decorrência da luta contra as necessidades objetivas.

A novela de Hatoum não apresenta capítulos, as frases da narrativa são curtas, não sendo apresentado no texto articulador de frases, explicando a forma da escritura contemporânea. É na construção de um discurso provocativo ao lendário amazônico,

que o leitor terá habilidade de articular o entendimento da história, percebendo-se também como interlocutor da narrativa. Pois, o protagonista apresenta dois pontos de observação para o leitor: a constante comunicação com o mesmo, por meio das imagens discursivas, e possuindo duas funções no texto: a de narrador e personagem.

Ao contrário dos personagens grandiosos das epopeias o protagonista do romance moderno é um homem comum, igual a seus semelhantes em sua exterioridade, porém, único e contraditório interiormente, formado por uma consciência que reflete e dialoga consigo mesmo e com as nuances do mundo que o abarca. Muitas vezes a ausência e o vazio de Arminto são preenchidos pelo eu íntimo à imposição de uma sociedade e da sua própria identidade construída, pois o narrador olha os seus problemas de modo peculiar; garantindo-lhe o exercício da fantasia e da memória.

Esta forma de reflexão interior do personagem é uma das grandes características do herói romanesco moderno. Sendo, a “forma interior do romance” o desconhecimento que o herói constrói sobre si durante a narrativa que se volta a este descobrimento. A procura de acabar com o seu conflito interno, torna o sentido de sua vida e “esta simples visão do sentido é mais alta graça que lhe pode conceder a vida, o único objetivo porque vale apenas pôr em jogo uma vida inteira, o único salário pelo qual vale a pena a travar semelhante combate” (LUKÁCS, 1962, p.90).

Arminto Cordovil é um ser angustiado, por conta de traumas vividos desde o nascimento. Ele é o retrato do herói conflitivo da modernidade sobrevivendo entre extremos problemáticos acrescentando-se um após outro, como: a perda da mãe logo ao nascer, do pai Amando, de Dinaura seu grande amor, do cargueiro alemão Eldorado, da fortuna dos Cordovil, de Florita, a índia que lhe criou, o amou e foi a sua companhia desde a infância. Na memória do personagem principal tornam-se esses conflitos, penosas e longas lembranças, de onde emergirá a metáfora da orfandade.

Sobre essa imagem do narrador-protagonista de *Órfãos do Eldorado* vamos resgatar Georg Lukács (1962) ao dizer que muitas vezes na finalização de um romance o herói em meios às constatações do discurso amadurece “e o seu canto consolador surge do claro pressentimento de que por toda a parte se tornam visíveis os germes e os traços do “sentimento” perdido” (p. 144).

E é possível acrescentar que este narrador não se constitui como um órfão solitário, ele é a grande metáfora da orfandade espalhada em todo o enredo, caracterizando não somente as personagens que se apresentarão na vida dele, mas o

próprio espaço permeado de suas ações. A orfandade irá significar então, abandono, carência, desamparo.

### **Considerações Finais**

A partir dessas leituras pode-se dizer que o romance moderno traz um herói em constante busca de reconciliação com algo perdido, um ser em fragmentos que se aproxima e se distancia daquilo que aspira profundamente. Sua dimensão física e psicológica irá influenciar a sua relação com o mundo e por ser um herói problemático, ele mesmo está em construção, em processo de amadurecimento ao lidar com a realidade vivida.

Uma realidade que se interliga a alma do narrador-personagem de *Órfãos do Eldorado*. O abandono sentido por Arminto se entrelaça ao espaço de “miséria e ruínas” de uma época. Para ele, a impossibilidade de fugir da ruína interior, das marcas deixadas pelas suas carências, da orfandade, do cruel estigma do filho que não foi amado pelo pai, significa ao mesmo tempo uma abertura máxima do psiquismo, que se esconde nos silêncios interior do narrador-protagonista, unindo decadência individual e decadência social.

### **REFERÊNCIAS:**

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Martins Fontes. São Paulo, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Editora Brasiliense: São Paulo, 1985.
- CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- GONDIM, Neide. A Invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HATOUM, Milton. Órfão do Eldorado. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.
- KUNDERA, Milan. A Arte do Romance. Editora Nova Fronteira: São Paulo, 2002.
- LUKÁCS, Georg. Teoria do Romance. Presença: Lisboa, 1962.
- ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o Romance Moderno. In:\_\_\_\_\_. Texto/Contexto. Perspectiva: São Paulo, 1973.